

## Discutindo memórias de infâncias no processo de urbanização – Maringá 1960 – 1990

Ailton José Morelli<sup>1</sup>

**Resumo:** A criança diante do processo de urbanização do Brasil é uma temática não muito recente. Por outro lado, a relação propriamente dita da criança com esse processo de urbanização começa a ser aprofundada. O objetivo desse artigo é discutirmos sobre o impacto do processo de urbanização na memória de infância. Como base usamos parte de uma pesquisa desenvolvida anteriormente analisando esse fenômeno na cidade de Maringá, entre 1960 – 1990. Como fontes utilizamos entrevistas com pessoas que eram crianças no município nesse período e, principalmente, vivenciaram o processo de transferência do espaço rural para o urbano. Enfocamos esse processo de chegada na área urbana, o acesso a trabalho, alimentação e as dificuldades encontradas e que marcaram a memória das infâncias dos entrevistados. Pretendemos contribuir com a produção de História das infâncias nas cidades e as dificuldades dessa atividade.

**Palavras chave:** História das infâncias, memórias, urbanização, cidades, entrevistas

### Discussing childhood memories in the process of urbanization in Maringá, 1960-1990

**Abstract:** The study of the child in the process of urbanization is not recent, and contemporary researchers are developing a profound comprehension of this relationship. The aim of this article is to discuss the impact of urbanization on childhood memories. We use as data basis an investigation we made about this phenomenon in the city of Maringá, Paraná, between 1960 and 1990. Our principal documentation are the interviews we did with people that were children during that period and had experienced the process of migration from rural space to urban space. We focus the arriving at the city, the insertion in the labor market, patterns of food, and some difficulties that marked the memories of the interviewed. Our intention is to contribute to the production of histories of childhood in the cities and discuss some of the difficulties found by researchers.

**Keywords:** History of Childhood; memories; urbanization, cities, interviews.

### Introdução

O século XX pode ser visto como aquele em que as crianças e os adolescentes ocuparam um amplo destaque na sociedade ocidental. De forma direta ou não, tornaram-se o centro das atenções para as famílias, para especialistas de diferentes áreas, além de seu importante papel em órgãos internacionais como o Fundo das Nações Unidas para a Infância

---

<sup>1</sup> Ailton José Morelli, professor no Departamento de História na Universidade Estadual de Maringá, Doutor em História Econômica, USP, [ajmorelli@uem.br](mailto:ajmorelli@uem.br).

(UNICEF - United Nations Children's Fund), a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A criança diante do processo de urbanização do Brasil é uma temática não muito recente. Por outro lado, a relação propriamente dita da criança com esse processo de urbanização começa a ser aprofundada. A abrangência que a questão do urbanismo, de forma geral, e a história da urbanização conquistaram nas últimas décadas contribuiu muito para pesquisas sobre a criança e o espaço urbano em algumas áreas, tais como a história, a pedagogia, a geografia, a educação física e outras (MORELLI, 2010; AREND; MOURA; SOSENKI, 2018).

No processo de definição da pesquisa que gerou esse artigo, a análise da criança no processo de urbanização de Maringá, ocorrido principalmente entre 1970 e 1990, um dos principais problemas foi definir como chegar à fala dos sujeitos. A entrevista direta estava prontamente descartada, pela questão temporal, porém a possibilidade de se trabalhar com a memória demonstrou ser um recurso mais abrangente, permitindo ir além dos documentos oficiais e, o mais importante, discutir a formação da memória da infância nos adultos.

Maringá foi organizada por uma empresa colonizadora, a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, como um dos polos da colonização, em uma estrutura composta por cidades médias mais distantes e por cidades pequenas em torno. As fases de formação, de vendas dos lotes e de sítios, assim como de organização propriamente dita do espaço urbano aconteceram, aproximadamente, de 1940 a 1970. Da mesma forma que Londrina, Umuarama e Cianorte, outras cidades principais desse projeto de ocupação, Maringá conquistou expressão no Estado do Paraná, onde se tornou referência como um de seus principais pontos de desenvolvimento industrial e de serviços. (DIAS, GONÇALVES, 1999)

A ocupação da região de Maringá baseou-se economicamente na produção de café até o início da década de 1970. (CANCIAN, 1981) No Brasil, desde 1960, implantara-se uma política de racionalização dessa produção por meio de apoio financeiro, orientando a retirada dos pés de café antigos e sua substituição por outra cultura ou, ainda, pelo plantio de café de espécies consideradas mais rentáveis e que utilizavam menos área. Trata-se de um período de enormes contrastes, tanto econômicos e sociais, quanto no que se refere à relação urbano/rural, representando profundas mudanças no país, no Paraná e na própria região.

Começou, então, uma grande transformação na região - que se estenderia até meados da década de 1990 -, incluindo o impacto de várias geadas como a de 1975, em que toda a produção cafeeira foi destruída, contribuindo com a campanha de sua substituição por cana-

de-açúcar, soja e produção pecuária. Esse processo provocou uma movimentação populacional entre cidades, dirigida principalmente da zona rural para áreas urbanas, reforçada pela progressiva mecanização do campo e a implantação da legislação do trabalhador rural. Em Maringá, a população aumentou, em números aproximados, de 104.000 para 239.000 habitantes, passando a população rural de 54%, em 1960, para menos de 5%, em 1990 (MORO, 2003, p. 54). Entre todas essas mudanças, o município de Maringá se consolida como centro regional de distribuição de bens, inclusive no que se refere à distribuição de alimentos em todo o comércio, e de prestação de serviços para a região, nas áreas de ensino e saúde, por exemplo, contando com investimentos empresariais e escritórios regionais de vários órgãos do governo estadual. Além disso, com o avanço da plantação de soja e de outras culturas, a produção de café deixou de ser a principal fonte econômica da cidade, ampliando-se a instalação de pequenas fábricas e os serviços de beneficiamento dos produtos agrícolas para atender o mercado regional, estadual e de São Paulo.

O discurso sobre a necessidade de urbanizar o país é retomado na década de 1960 e difunde-se a criação de órgãos assessores nos três níveis do executivo<sup>2</sup> para a implantação de um plano nacional de urbanização (DEÁK; SCHIFFER, 2004, p. 13). O governo paranaense realiza um amplo diagnóstico nos municípios visando à elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento para cada um deles, seguindo as diretrizes estaduais. O PDD de Maringá é concluído em 1967, e a década de 1970 representa, assim, o período em que Maringá assume oficialmente seu caráter urbano e estabelece as formas de atuação da municipalidade: “(...) como cidade definitivamente implantada e vivendo agora os reflexos de uma conjuntura econômica diversa da que permitiu sua consolidação urbana (MARINGÁ, 1967, p. 94)”.

A justificativa desse documento funda-se na necessidade do poder público de definir racionalmente e, embasado em diagnósticos especializados, determinar a organização do município, assim como as formas de aplicação das medidas consideradas necessárias.

A relação da população com essas medidas é sempre conflituosa e tende ao distanciamento diante das dificuldades de acesso às mesmas, ou, ainda, pelos problemas sociais mais amplos que enfrenta, tais como falta de recursos, de tempo, de emprego ou mesmo, excesso de trabalho. Trata-se de questão indicada como grave no Plano Diretor de Desenvolvimento de Maringá (1967, p. 45) para construir uma **sociedade urbanizada e**

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, foram criados instituições e órgãos de pesquisas ligados ao governo ou independentes, como o Centro de Estudos e Pesquisa de Administração Municipal (CEPAM) criado em 1960 em São Paulo e, no Paraná, primeiro a Comissão de Desenvolvimento Municipal (CODEM) em 1963 e, depois, o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) em 1973.

superar as influências de uma sociedade culturalmente rural. É importante lembrar que uma cidade como Maringá, mesmo nas últimas décadas do século passado, possui uma relação urbano/rural inseparável. Esse novo rural ou uma estrutura urbana voltada para a produção agropecuária mistura atitudes e organizações de diferentes tempos e lugares. Afinal, o possível acesso ao televisor, que reproduz imagens coloridas, e o uso do ferro de passar, ainda aquecido com brasa, são situações presentes e visíveis até a década de 1980.

No caso das crianças, esse distanciamento das ações do governo é muito maior. Nos serviços mais próximos às necessidades das crianças, tais como os voltados para a saúde, o lazer e a educação, deparamo-nos com o agravamento provocado pela necessidade de precisarem, as mesmas, contar com a disponibilidade de tempo e de recursos financeiros dos pais e responsáveis.

A criança, na cidade em transformação (BRESCIANNI, 1998) , é uma temática que tem recebido a atenção de diferentes áreas, com características interdisciplinares dois trabalhos se destacam: Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX (SILVA; GARCIA; FERRARI, 1989) e fruto de um grupo de pesquisa, Infância, cidade e educação, Infâncias na metrópole (DEBORTOLI, MARTINS; MARTINS, 2008). Na historiografia, a análise da relação da criança com os processos de urbanização não é recente, porém ainda se ressentem da necessidade de abordagem mais específica.

Na relação da criança com a cidade, algumas pesquisas que trabalham com memória de infância, sobre o início do século passado, apresentam um enfoque mais direcionado para a infância. Aldrin Moura de Figueiredo (1999) analisando a infância em Manaus, debruça-se sobre romances, livros de memórias e poesias. Em Memória de velhos, Ecléa Bosi (1987), nesse caso a partir de fontes orais, relata a memória da infância diante das mudanças provocadas pela urbanização na cidade de São Paulo. Analisando a memória de infância no meio rural mais recente, Bressianini (2006) focalizou a infância no âmbito de um grupo familiar residente em um bairro rural, às margens da Água Jacutinga (hoje área de fazenda no município de Ivatuba- PR).

As fontes orais proporcionam condições de pesquisa sobre diferentes fenômenos relacionados com a infância, em uma delimitação espacial e temporal acessível. Se a pesquisa de Bressianini levanta questões próprias ao mundo rural, a análise de Bosi aponta questões próprias ao processo de urbanização da cidade de São Paulo em que as atividades consideradas específicas da infância se ressentem das novas diretrizes e das distâncias sociais que o acompanham, em termos das intervenções do poder público. A análise de Bressianini,

no entanto, aprofunda aspectos que são caros à análise aqui empreendida, tais como as dificuldades em definir o que se entende como brincadeira, os momentos que lhe são adequados, o que configuraria ou não perigo para as crianças, o medo suscitado pela presença de pessoas estranhas, principalmente em se tratando de meninas, o quanto esse medo configurava um motivo para impedir que estas fossem com frequência à cidade, ainda que para estudar. São analisados, também, outros desdobramentos quanto à relação com a área urbana, ou seja, o amplo leque de oportunidades que esta apresenta no âmbito do lazer, dos negócios, da moradia.

Para essa discussão usando o material analisado na pesquisa desenvolvida anteriormente baseada em entrevistas assim definidas. Foram realizadas 19 entrevistas com pessoas que viveram sua infância na cidade de Maringá nas décadas de 1970-1980. A seleção foi definida mediante a confirmação de permanência do entrevistado em Maringá, excluídas as entrevistas que pouco contribuíam para o conhecimento do período analisado, assim como aquelas fornecidas por pessoas que permaneceram muito tempo em outra cidade<sup>3</sup>.

Toda atenção foi dada à distribuição geográfica, apesar de não se buscar uma representatividade por região. Esse procedimento permitiu um conhecimento mais amplo da cidade e uma comparação entre o centro e a periferia. Foram entrevistados moradores dos seguintes setores: o Centro Novo, a Zona Cinco, a Vila Operária e áreas que não faziam parte do plano urbanístico original da cidade, ou seja, outros pontos isolados que posteriormente dariam forma a novos bairros, como Jardim Alvorada, ou que seriam assimilados pelos bairros anteriores.

O Centro Novo corresponde à área principal em que se instalaram os serviços públicos, onde se localizavam os principais prédios de moradia, o centro cívico, a catedral e os hospitais da cidade. A Vila Operária é um bairro criado no plano original, destinado aos

---

<sup>3</sup> Dos depoimentos colhidos, foram selecionados 10, sendo 03 do sexo masculino e 07 do feminino. A seleção dos depoimentos baseou-se na distribuição geográfica e na densidade descritiva. A maioria dos depoimentos é de mulheres, meninas na época, mas isso não teve por finalidade analisar as características de gênero, apesar da existência de algumas falas que possibilitassem esse debate; afinal, não era esse o objetivo da pesquisa. A escolha seguiu os princípios afirmados, principalmente na questão da densidade descritiva, característica que também foi considerada na escolha dos trechos dos depoimentos aqui analisados. Assim, as falas das depoentes são mais frequentes, por exemplo, na descrição das brincadeiras. Nota-se a riqueza de detalhes por parte das meninas, em detrimento de falas mais contidas dos meninos sobre as brincadeiras com bolas, corridas etc. Essa característica foi marcante na descrição das casas, das escolas, enfim, em praticamente todos os temas abordados nos depoimentos. A elaboração das perguntas fundou-se na preocupação de apresentar uma ampla possibilidade de temas para os entrevistados. Não sendo rígidas na sequência, foram apresentadas e retomadas conforme o andamento das entrevistas. O roteiro para orientar as entrevistas é amplo para permitir ao depoente um contato com o contexto do período de sua infância, para, então, adentrar em questões específicas.

trabalhadores do setor industrial e ferroviário. A divisão da cidade foi definida por Zonas, inicialmente sete, sendo a chamada Zona Cinco uma região periférica para a época, próxima ao bosque ou horto florestal. A área próxima da Avenida Colombo, continuação da rodovia que liga Maringá e Londrina, foi uma das principais áreas de expansão periférica no período analisado.

É importante explicitar que, no decorrer da entrevista, o depoente contou com a maior liberdade possível. Assim, foram-lhe apresentados os tópicos orientadores da entrevista, com vistas a intervir minimamente. Utilizou-se a orientação metodológica de Bourdieu, tomando-se todos os cuidados para evitar ao máximo a prática do que seria uma violência contra o depoente, ou seja, não permitir ou dificultar sua exposição e interceder em suas divagações. Procurou-se, portanto, deixar que o entrevistado se expressasse conforme sua vontade. Para esse autor:

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados, etc.), é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca (BOURDIEU, 1997, p. 695).

Trata-se de atenção necessária em todo o processo da entrevista, desde a elaboração do projeto até a análise das falas. Afinal, com um aceno afirmativo de cabeça ou retomando algo que o entrevistado “esqueceu”, o entrevistador interfere na condução da entrevista. A consciência desse tipo de interferência no ato da entrevista é importante para que não se confunda o relato captado com uma ação espontânea, uma vez que é fruto de um trabalho que envolve duas pessoas: “Aliás, a matéria bruta da memória individual pode permanecer latente anos a fio, até que seja despertada por um interlocutor cujo papel, então, não é meramente passivo” (MENESES, 1992, P.14).

Os tópicos<sup>4</sup> principais do roteiro foram: as condições de vida em Maringá (a chegada à cidade, a habitação, a alimentação, o acesso ao emprego e aos bens de consumo), a relação

---

<sup>4</sup> Os tópicos eram sugeridos quando não haviam sido abordados ou quando se percebia um momento propício para tratar deles, sempre, porém, com o mínimo de intervenção. As entrevistas foram realizadas em um único encontro, dado o interesse de analisar o depoimento em seu estado mais direto, sem interferência de outras reflexões ou revisões, objetivando a construção de uma fonte mais próxima desse primeiro contato com as questões apresentadas, uma memória da infância que permitisse uma aproximação da relação da criança com a urbanização da cidade. Dentre os depoentes, alguns moravam em sítios na zona urbana, situação que persistiu até os dias atuais, apesar de que com menor frequência. As casas eram de madeira, em sua maioria, em áreas mais afastadas ou próximas do centro. Foram mencionados seus quintais, a vizinhança e as melhorias básicas que

urbano/rural (a relação centro/periferia, a presença de sítios na cidade, o acesso às mudanças e benfeitorias oriundas de sua urbanização), as brincadeiras (os tipos de brincadeira, os brinquedos, os locais em que as crianças brincavam, quando brincavam); a saúde e os serviços de atendimento médico hospitalar na cidade (disponibilidade de hospitais, farmácias, médicos) e as medidas alternativas de tratamento das doenças, caso dos remédios caseiros; as condições de acesso à educação (as possibilidades de ingresso e de permanência no sistema educacional, a estrutura das escolas, o trajeto e a forma de chegar até a escola, as atividades escolares).

### **Do campo para a cidade – motivação e justificativas**

Em meados da década de 1960, diferentes fatores contribuíram para que as famílias, até então habitantes exclusivamente do campo, mudassem para a área urbanizada, a cidade como chamavam. A busca por uma educação melhor para os filhos, a diminuição e o fim dos contratos de longo prazo na produção agrícola, principalmente do café, a procura de outros tipos de trabalho e a aquisição de propriedade são fatores apontados como os que mais contribuíram para essa mudança. Os estudos do movimento populacional do campo para a cidade no interior do Paraná (LUZ, 1997; RODRIGUES, 2004) apresentam como principais motivos as transferências de moradia para a área urbana, no caso dos proprietários, e, principalmente, a busca por um emprego, diante da mecanização do campo e da consequente diminuição de mão-de-obra fixa para a produção agropecuária (CASAGRANDE, 1999).

As lembranças desse processo são vagas nos depoimentos, apresentam como base as impressões da relação com os pais e como foram encaminhados os filhos nesse processo. Maringá era a referência de melhores condições profissionais ou onde seria possível ganhar mais e proporcionar condições mais favoráveis para os filhos. As lembranças da chegada refletem, pela idade dos depoentes, mais o que ouviram do que o que perceberam durante a infância.

---

chegavam aos poucos: as mudanças da lama das ruas para o asfalto, da água do poço para a encanada e da luz da lamparina para a elétrica. Os depoimentos não serão apresentados integralmente neste trabalho. No desenvolvimento da análise, foram selecionados os trechos considerados mais significativos, evitando-se o excesso de repetição de falas muito próximas. Alguns trechos, por outro lado, são utilizados mais de uma vez, considerando a riqueza de questões que concentram. A transcrição aparece citada com alguns ajustes, com os vícios de linguagem reduzidos, garantindo o teor da fala sem prejudicar seu entendimento. Outra medida assumida no uso dos depoimentos foi a substituição dos nomes dos depoentes, apesar da autorização expressa do uso integral dos depoimentos e sua identificação.

A resposta dada aos filhos apontava que a mudança traria uma perspectiva de melhores condições de vida, como, por exemplo, a possibilidade de todos estudarem ou continuarem seus estudos. Segundo os relatos, não havia na família uma conversa clara sobre esse assunto, tanto por ocasião da mudança como posteriormente:

Ana<sup>5</sup>: ... nós vimos pra cá eu tinha sete anos. Vimos pra cá porque meu pai precisava coloca todo mundo na escola né, precisava estuda. Então nós vimos pra cá e veio junto com a família nossa vários primos meus.

Nos casos seguintes, as falas sobre a mudança estão relacionadas à busca de melhores condições de vida, mesmo significando a diminuição do patrimônio da família:

Joana<sup>6</sup>: não, isso eu não sei ti dize, porque hãm pra dize que o sítio não dava mais nada, eu não me lembro de te ouvido isso nenhuma vez ii ele também não vendeu o sítio em princípio, ele continuou com o sítio arrendando por mais alguns anos iii não lembro humm... em nenhum momento deles terem dito e também isso foi uma pergunta que eu nunca fiz, achei mesmo que eles tavam vindo pra tenta melhora alguma coisa, porque os filhos já tava numa fase que todos tava em idade escolar e lá a escola era, uma escola em determinado sítio...

Clara<sup>7</sup> - quando nós mudamos pra cá tudo que ele vendeu que tinha lá, deu pra compra um terço de patrimônio que a gente tinha lá aqui em Maringá. Porque Maringá foi uma cidade que se desenvolveu muito rapidamente né e foi ficando uma cidade polo da região e ela se valorizou muito né, tudo aqui ficou com outro valor, então ele conduziu que os filhos mais velhos já começasse o ensino médio, em Terra Boa não tinha, então a prioridade dele foi muda justamente pra uma cidade que ele pudesse exerce a profissão dele e desse condições pra família...

Essa influência na formação da memória de infância foi analisada por Halbwachs (1990, p.62-64). Segundo este autor, a atenção da criança dificilmente estaria voltada para detalhes, como a organização da casa, e apenas com outras informações futuras poderia organizar lembranças com significados dentro da própria família. Bosi (1987) analisa e

---

<sup>5</sup>Ana é oriunda de família proprietária de fazenda que se muda para a cidade com os filhos em idade escolar em meados de 1960, prática de várias famílias nesse período, inclusive dos denominados pioneiros de Maringá. A Vila Operária recebeu muitas famílias assim, apesar de ser projetada para outra população, devido a sua condição de bairro em fase de urbanização e, ao mesmo tempo, fora do centro da cidade.

<sup>6</sup>Joana, nascida em cidade próxima de Maringá onde os pais eram proprietários de sítio, mudou-se ainda nos primeiros anos de vida, no início de 1970, provavelmente entre cinco e seis anos. Da cidade natal lembra-se de acompanhar a família nos trabalhos na roça e as irmãs na escola rural.

<sup>7</sup>Clara nasceu em cidade da região de Maringá no final de 1960, de família com posse de terras e moradores na área urbana. O pai, formado em odontologia, exercia a profissão antes de mudar com a família para Maringá. Como na cidade de origem, foram morar na área central, no centro da cidade, desde seus primeiros anos de criança.



comenta esse processo de formação da memória da criança, memória que se forma com elementos posteriores, fornecidos ao longo do tempo, e que aos poucos compõe uma imagem mais completa. Assim:

Quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas. Pode-se recordar sem ter pertencido a um grupo que sustente nossa memória? Estaremos sós quando nos afastamos de todos para melhor recordar? Quando entramos dentro de nós mesmos e fechamos a porta, não raro estamos convivendo com outros seres não materialmente presentes (BOSI, 1987, p. 330-31).

Nos relatos da chegada a Maringá, do processo de mudança das famílias do campo para a cidade ou de outra cidade para Maringá, as idades dos depoentes variavam, porém nenhum deles contava com mais de sete anos, incluindo dois que nasceram pouco depois dos pais se estabelecerem no município. As tentativas de descrever e explicar a vinda dos pais para a cidade são exemplos claros dessa mistura de lembrança própria com lembranças do grupo, no caso específico, o grupo familiar.

Nos casos relatados, a questão econômica mesclou-se a outras tantas, embora não deixasse de interferir na motivação familiar para transferir-se para Maringá. A inexistência de lembrança clara sobre os motivos que levaram a família a mudar-se para a cidade indicou como a resposta foi sendo construída e, de certa forma, o pouco interesse dos depoentes pelo exato momento da mudança, exemplo das múltiplas influências na construção dos depoimentos apresentados.

A justificativa dos pais de buscarem melhores condições de vida para a família com a mudança para a área urbana de Maringá foi frequente entre os depoentes, mas essa melhoria está relacionada, nos depoimentos, às possibilidades de brincar e de estudar. Para os depoentes que nasceram em Maringá em famílias já estabelecidas na área urbana, os motivos e as condições da mudança, a vinda para a cidade enfim pareceu algo normal e óbvio, que não precisava ser externado. Nos casos em que vivenciaram uma infância rodeada de dificuldades, principalmente voltada para o trabalho precoce, os motivos da mudança foram pouco claros, frágeis e mencionados ligeiramente.

No depoimento de Rita<sup>8</sup>, a ênfase dada à viagem de trem que fez com os pais para chegar a Maringá indica ser este fato mais representativo em suas lembranças de infância do que os motivos da transferência para uma nova cidade. Em outro caso, a chegada não é clara, apenas o motivo da vinda permanece: “meu pai veio tocar um sítio de café”, relatou Mara<sup>9</sup>. Nesse último exemplo, mesmo morando próximo ao local denominado Maringá Velho, a família trabalhava e morava em um sítio. A vida não pareceu ser muito diferente nos anos seguintes, marcada pelo trabalho e dificuldades na produção do café. É possível que a explicação da mudança esteja mais baseada nas ações desenvolvidas no sítio e nas condições de vida que Mara levou, e não tanto nas lembranças da chegada à cidade. Lembranças sobre as formas de viver na cidade, de tudo que conseguiram ou foi-lhes negado aparecem intimamente misturadas nas falas.

A avaliação dos motivos que levavam as pessoas a mudar para a cidade é fundada nas dificuldades do período, sem revelar grandes expectativas em relação à proximidade com o centro urbano. Mesmo com as vantagens urbanas de acesso à água encanada e à luz elétrica, por exemplo, a relação com o rural era muito forte e parecia trazer mais benefícios e facilidades para todos os familiares. Mara mostra essa relação conflituosa e de dificuldades quanto à necessidade ou opção de mudar-se para a zona urbana:

Mara: saíram, saíram, muita gente saiu do sítio pra i pra cidade, só que as pessoas eram acostumada no sítio e foram pra cidade, fico arrependido, foi muito difícil sabe! Porque si no sítio tava ruim, na cidade tava pior, pra quem tava acostumado no sítio, porque quem mora no sítio se cria no sítio num tem coisa melhor, porque eu vejo meus filhos agora, meus filhos não que nem sabe de i pra cidade. Olha um mora em Mato Grosso na fazenda, ele que fica lá, não que sabe não ta difícil, a soja não tem preço, mas eles querem fica lá. Então eu acho que mudo muito só que antes a gente não tinha é... Não tinha a luz elétrica é... Era água tirada de poço, puxada a mão era tudo difícil até ai.

---

<sup>8</sup>Rita nasceu no interior de São Paulo, descendente de família paraguaia. Chega a Maringá em meados de 1960, ainda criança, sem muita certeza da idade que tinha. Conseguem montar uma casa em terreno cedido por parentes, próximo da rodovia que liga Maringá a Londrina, área ainda em processo de loteamento, cortada de trilhas e sem recursos previstos de urbanização. Apesar da proximidade com a rodovia, Avenida Colombo, a área se situa no meio das plantações de milho e café e apenas em meados da década seguinte a região possuiu loteamento mais efetivo.

<sup>9</sup>Mara veio com a família para Maringá, onde o pai foi contratado para “tocar um sítio de café”. Chega no final da década de 1960, com nove anos aproximadamente (não tem clara a idade e o ano da chegada). A localização do sítio é bastante afastada da área central, porém, mesmo com todas as características rurais, faz parte da ampliação da área urbana.

A possibilidade de produção de alimentos, o acesso à água e a possível construção de um pequeno rancho pesavam na decisão de mudar-se, isso quando não eram obrigados a sair e não conseguiam um novo sítio para fixar-se.

### **Chegando na cidade – dificuldades e adaptação**

A adaptação na cidade apresentava muitas dificuldades para as famílias que moravam na área rural. Eram problemas tais como conseguir emprego que não exigisse experiência, a necessidade de estabelecer novos laços de amizade, a dinâmica diferente das fazendas e dos sítios, principalmente quanto ao sistema de crédito<sup>10</sup>. Conseguir uma moradia na área mais desabitada da cidade, apesar dos problemas de infraestrutura, permitia a utilização de áreas próximas para plantar ou cuidar de animais, tarefas já sobejamente conhecidas pelos novos moradores. Sem recursos para adquirir moradia e com a escassez de empregos para manter a família, alguns conseguiam trabalhar em sítios mais próximos da área urbana, para cuidar de produção específica, como café e milho, ou tomando conta de terra com produção variada (feijão, milho, uva, frutas, pequenos animais). Dessas pequenas propriedades, algumas foram adquiridas nas primeiras décadas da formação da cidade (LUZ, 1997, p 116-118), enquanto outras resultaram da venda de fazendas e sítios ao redor do perímetro urbano.

Diante da falta de condições para permanecer na zona rural (LUZ, 1997; RODRIGUES, 2004), conseguir uma contratação para “tocar” um sítio era uma forma de encontrar um meio termo. Assim, a mudança para a cidade, nos limites urbanos, associada à permanência em uma atividade muito próxima à do meeiro, porém com menos participação na produção principal, representou uma prática que perdurou e que ainda é possível encontrar em Maringá<sup>11</sup>:

---

<sup>10</sup> Contratado como formador de plantação de café, o chefe de família recebia condições mínimas para se manter, além de poder explorar parte da terra para seu sustento no prazo de quatro anos, tempo mínimo para a primeira colheita. Outro tipo de crédito na área rural era o estabelecimento das famílias em fazendas. Recebiam casa e crédito no armazém da fazenda, pagando com o serviço prestado pela família (LUZ, 1997, p 116-118). Na cidade, o crédito no comércio era garantido pela CMNP para seus funcionários ou profissionais que se interessavam em manter-se na cidade. Em meados da década de 1960, essas condições modificaram-se e com o aumento de fluxo demográfico o crédito ficou restrito a situações especiais, principalmente de amizade com os proprietários do comércio ou dando provas de estabelecimento na cidade.

<sup>11</sup> A prática de manter os funcionários morando nas dependências das fazendas era bastante comum na região do Norte e Oeste do Paraná até meados de 1960, porém esse tipo de contratação se tornou rara até o final da década de 1970. Perder o emprego significava perder casa e ser obrigado a sair da fazenda, ou seja, todo vínculo de amizade e mesmo familiar estaria comprometido (CASAGRANDE, 1999).

Nádia<sup>12</sup>: éé eu morava em Maringá mesmo, meus pais vieram é pra no ano diiii 1969 e nesse ano eles moraram ééé um tempo, por um ano mais ou menos, um ano e meio éé numa região mais urbana o que a gente chamava, chama até hoje na cidade, e depois quando eu já tinha nascido, já tinha um ano eles se mudaram pro hummm... pro um sítio e foi e lá até quando eu fiz catorze anos, nesse lugar, nesse sítio...

Nesses casos, a moradia e o trabalho estão interligados; perder um significa perder os dois, ou seja, a família precisa sair da propriedade. O loteamento dos sítios que estavam dentro da zona urbana ou que se situavam em suas proximidades foi um dos principais motivos para a quase extinção desse tipo de atividade na cidade. Na fala de Nádia, a exploração imobiliária de sítios para loteamento foi percebida como motivo para sua família precisar encontrar nova moradia:

Nádia - aí ele mudo também né, já quis vende parte, depois ele vendeu uma parte, penso em faze, em lotear, fez condomínio essas coisas todas, então não sei se exatamente condomínio tinha naquela época, mais eu lembro que a idéia dele não que aquilo funcionasse como um sítio mesmo era como o meu pai fazia. Ele não pensava em... humm aproveita ééé´as terras, vive daquilo que as terras podia dá né, então...

O motivo da saída parece claro, estava anunciado: a família necessitava encontrar outro lugar antes que o sítio deixasse de existir. No caso relatado o encaminhamento foi favorável: teria acesso às melhorias urbanas, ao mesmo tempo em que manteria parte dos hábitos a que estava acostumada. Mudava-se de um sítio para uma chácara, porém garantindo as condições de manutenção e facilitando os estudos dos filhos:

Nádia: Nós mudamos era, não foi antes ele deve te vendido em 79 por aí, porque nós mudamos dali eu tinha 11 anos, quando nós saímos do sítio, agora poco eu disse que tinha 15 né, mas não é verdade, nós quando nós saímos dali eu tinha 11 anos iii então ii aí a gente foi pra uma outra chácara na rua de cima, mas aí com um poco mais, aí com asfalto, com luz , água encanada, menor era uma chácara é... commm mais próximo da escola, que daí meu pai já tinha vários filhos né, então aiaiai meu pai... foi procura, foi procura éé um poco mais de comodidade pra família dele...

---

<sup>12</sup>Nádia, nasceu em Maringá no final da década de 1960. Sua infância corresponde aos primeiros anos de 1970 e à década de 1980. Morava, inicialmente, na região mais afastada da Zona Cinco em um sítio no limite com a zona rural. Posteriormente, a família mudou-se para uma chácara, também na Zona 5, porém mais próxima da área urbanizada.

A mudança para a cidade significava, também, trabalhar em atividades novas, adaptar-se para, entre outros fatores, fugir dos serviços de baixa qualificação, preocupação decorrente do aumento do contingente de boias-frias.

No caso a seguir, o pai abre mão de continuar “tocando” o sítio e assume a vida na cidade, com moradia sem área de plantio e buscando emprego em atividades urbanas, como na construção civil:

Joana - bom... como meu pai era agricultor e veio pra cidade, a única coisa que resto mesmo foi trabalha como pedreiro mesmo, com construção civil, porque não tinha nenhum tipo de habilidade diferente e a minha mãe ela trabalhava nas casas de diarista a única coisa que ela conseguiu assim na época...

As mudanças se refletem na organização familiar; o trabalho conjunto na manutenção do sítio é substituído pela separação das tarefas na cidade. Enquanto moravam no sítio, os filhos ficavam com a mãe ou iam todos para a roça. Na nova casa, ficavam sozinhos, os irmãos maiores cuidando dos menores para que a mãe trabalhasse:

Joana: ... como toda família da época as crianças todas iam pro sítio, iam pra roça mesmo junto com os pais, independente de já trabalharem ou não, né criança não ficava em casa porque não tinha ninguém que ficasse em casa mesmo, o pai e mãe iam pra roça... [na nova casa] eu não tinha idade escolar ainda e eu ficava em casa com minhas irmãs, que eu tinha, tenho minhas irmãs mais velhas, então ficava com elas...

No depoimento de Clara, o processo é menos sentido na família, e a organização interna da casa não sofre grandes alterações: o pai continua a manter a casa e a mãe permanece no lar, cuidando dos filhos que seguem seus estudos, agora com possibilidades de cursar séries mais adiantadas. Mudar para o novo centro urbano possibilitava, além de melhores condições para os filhos, conseguir, nesse caso, exercer uma profissão que começava a se destacar, a de prestador de serviços odontológicos: “então a prioridade dele foi muda justamente pra uma cidade que ele pudesse exercer a profissão dele e desse condições pra família...”

A formação da memória sobre chegar à nova cidade e nela adaptar-se indicou claramente a influência da relação da criança com seu espaço e com lembranças de afeição, de liberdade, de segurança e de identificação com o espaço em que vive. As lembranças dos momentos em que brincavam, exploravam o espaço da vizinhança e ampliavam seus contatos com novos amigos remeteram os depoentes frequentemente ao período anterior à mudança para Maringá. A identificação com algum elemento familiar demonstrou ser importante nessa

fase e remete à discussão desenvolvida por Halbwachs (1990). Para esse autor, a mente mantém uma relação entre o novo e os elementos conhecidos, proporcionando à pessoa a sensação de conforto, de segurança, de não estar perdida em um lugar totalmente estranho.

A descrição feita por Joana sobre a chegada em Maringá e as características do bairro em que foi morar com a família indica como a saída do sítio não representou um impacto em sua vida. A sensação de liberdade e a vasta área que tinha para brincar no sítio não lhe foram tiradas totalmente, como ela afirma: “em compensação tinha muita rua pra se correr, muito terreno baldio pra se brincar tudo”.

A família de Clara morava na área urbana de outra cidade e passou a residir na área central de Maringá. Para ela, a praça próxima da nova residência torna-se “objeto” de ligação entre a nova cidade, com todos os novos cuidados e restrições, e a cidade pequena em que morava antes, com espaços livres e onde conhecia a todos:

Clara - quando nós mudamos pra Maringá, ai já tinha aquela referência de uma cidade maior, já tinha que ter cuidado, não fala com as pessoas estranhas, então já era uma referência mais urbana, com mais cuidados, mesmo assim, mesmo com essa referência era, tinha muito espaço também né, que eu acho que isso é bem interessante, é em termos de rua, de praças, quando eu me mudei pra Maringá, nós mudamos ali bem pertinho da praça, eu não sei o nome da praça, a praça que fica em frente ali a Pernambucanas, acho que é Napoleão Bonaparte, não lembro e nós brincávamos muito nessa praça, morava duas quadras dali, então a gente tinha né, a mulecada toda brincava ali naquela praça, pra mim foi uma recordação bem gostosa

Aqui também a memória é registrada duplamente. Para a depoente adulta, a memória da infância antes da mudança para Maringá foi fundamental para encontrar pontos de referência no novo espaço. A criança, assim como os adultos, busca ao seu redor indícios que suscitem menor conflito com o novo, identificações com o espaço conhecido. A construção da sua relação com o espaço em que vive, mescla lembranças com o percebido no cotidiano.

As mudanças de residência dentro da cidade constituem outro aspecto do movimento demográfico pelo qual a cidade passa. A mudança pode ser motivada pela busca por um imóvel mais próximo da escola para os filhos, pela vontade de morar mais perto do emprego ou por desejar melhores acomodações e condições de vida, como os serviços de água e luz. A conquista da casa própria era igualmente motivo para mudar, mesmo que a localização fosse em uma área mais afastada e com menos recursos:

Ana - Mas não tínhamos água encanada, não tínhamos luz elétrica e depois quando nós mudamos aqui na Neo Alves Martins também Vila Operária ali perto do Cine Horizonte, perto da onde minha mãe mora... Não, aliás nós mudamos um pouco mais em baixo, antes, antes da Santa Casa, depois nós mudamos ali. Também não tínhamos energia ali. Aliás tínhamos energia que era gerada por geradores a... Acho que era a diesel, as dez da noite ele desligava...

As mudanças também ocorriam por circunstâncias que nem sempre traziam melhorias, dentro do processo de exploração imobiliária e de acomodação populacional (CANIATO, 1986; RODRIGUES, 2004; ARAÚJO, 2005).

Situação representativa é a da menina Lara<sup>13</sup>, que a mãe traz para a cidade. Separada do marido, muda-se para Maringá com o apoio de familiares já residentes na cidade e depois de um tempo busca as filhas. A lembrança sobre essa mudança não indica um processo agradável, com indícios de total estranheza na nova moradia, ao confrontar o sítio, local lembrado pelas brincadeiras e liberdade, onde vivia com o pai e os irmãos, com a cidade. Nesta, o espaço aberto não é visto como semelhante ao do sítio. Afinal, as novas condições que lhe foram impostas não permitiam que Lara usufruísse desse espaço para brincar. A relação afetiva com o novo espaço em nada se assemelha com o anterior. É o período do trabalho: sai para trabalhar como doméstica o dia todo e volta para casa para esperar o novo dia. Tem quase doze anos e não encontra seu lugar de criança. Menos de dois anos depois, uma nova mudança. Deixa a casa na Zona 5 e muda-se com a família para o Jardim Alvorada. Esse deslocamento significa sair de um extremo da cidade para outro, ultrapassando a Avenida Colombo, após a Zona 7. Por quase dois anos, relata, pôde brincar com os irmãos, pois nesse novo bairro a mãe conseguiu serviço de doméstica, além de novo companheiro. Mais tarde, uma nova mudança. Passa a morar em uma casa com a responsabilidade de fazer companhia para uma senhora que vivia sozinha, sua futura madrinha de crisma.

Para alguns dos entrevistados, felizmente, o trabalho fazia parte de um contexto que, conforme orientação dos pais, não podia excluir o lazer e os estudos. Os filhos, durante os primeiros anos, participavam das atividades domésticas e, posteriormente, buscavam um emprego adequado aos horários de estudos, como no relato de Nádia, visto anteriormente.

A condição de estar empregado é tratada nos depoimentos, às vezes de forma clara, às vezes apenas sugerida. A relação dos depoentes com o trabalho mostrou algumas facetas diferentes, que são próprias das dificuldades no enfrentamento desse problema. E um fator

---

<sup>13</sup>Lara nasceu em um sítio na região de Maringá, onde viveu até os oito anos com seu pai, após a separação do casal. Com oito anos passou a morar com a mãe na Zona Cinco, mudando de residência várias vezes.

que se mostrou decisivo nessas lembranças foi a relação com os pais, principalmente na liberação total ou parcial do trabalho do campo, além da diferenciação do trabalho junto com a família e do emprego fora.

### **Considerações finais**

Na cidade em crescimento, algumas coisas vão-se modificando e é importante considerar alguns pontos. Primeiro, ainda que Maringá tenha se tornando, paulatinamente, uma cidade de médio porte durante a década de 1970, as condições de vida e as características culturais são fortemente marcadas como interioranas ou rurais. Segundo, Maringá estava longe dos grandes centros e, portanto, com acesso restrito às informações, principalmente por falta de energia elétrica, pelas dificuldades financeiras de aquisição de revistas e pelos costumes muito voltados para um ambiente rural. Terceiro, e em contraste com o anteriormente apontado, a cidade já tinha cinema, recebia circos, possuía estações de rádio próprias e da região, enfim progressos que possibilitaram mais acesso à informação na década seguinte e que, sem dúvida, acompanharam o crescimento de Maringá. Cabe lembrar, porém, que, embora reconhecida como uma das maiores cidades do Paraná, contava com “modernidades” que não atingiam a totalidade da população. Quarto, os padrões de relacionamento social seguem uma tradição familiar forte, e a sensação de todos se conhecerem é presente, de tal forma que os encontros em festas, clubes e organizações religiosas representam um amplo espaço de convivência. Por último, destaca-se a preocupação dos habitantes em conseguir emprego ainda muito jovens ou em preparar-se para o casamento em futuro não tão distante, tendo como consequência um período bem mais curto de adolescência.

Os depoimentos, aos poucos, indicam um desconforto, a dificuldade em precisar a idade, e os depoentes, ao terem como foco a continuidade dos estudos, as atividades de lazer, as condições de trabalho, começam a afirmar com frequência que o relato já não se refere à infância. Trata-se da dificuldade em definir a infância para cada pessoa, ou seja, como foi, quando terminou, se realmente existiu ou não. Como no caso de Mara:

Mara: Ó não tinha, não tinha, era só à noite, e de domingo, não tinha como brinca, quando não era na roça, era em casa ajudando a mãe, então a brincadeira nossa, infância... minha dificilmente foi uma infância.



Interessante notar que, em seu depoimento, surgem várias passagens relacionadas com brincadeiras, na companhia de amigos e irmãos<sup>14</sup>. Porém, a carga de trabalho e o tempo tomado em ações voltadas para as atividades da roça eliminam a importância dos momentos de lazer, de estudo, de descanso que ocorrem em raros trechos. Daí não ser estranha essa maneira de Mara pensar sobre o que seria ter uma infância.

O ir para a roça junto com os adultos, a arrumação da casa, os cuidados com os irmãos são relatados como trabalho, contudo o peso dessas tarefas variou conforme a exigência e a possibilidade ou não de mesclá-las com alguma diversão ou estudo. Em outra passagem do depoimento de Mara essa questão fica mais clara:

Mara: aí meu irmão foi servi, então já faltou meu irmão do trabalho, aí minha irmã mais velha que eu já foi pro lugar do meu irmão e eu saí da escola e fui pro lugar do meu irmão, com nove anos eu não e não era serviço de roça ainda que eu fazia, mais eu acho que era pior, porque tinha que levar aqueles pesos sabe, de comida, almoço, café, às vezes até água, meu pai pedia pra gente levar, e era longe pra leva, a gente ô chorando ô rindo tinha que i. Então eu comecei a trabalha desde 9 anos, aí num pude estuda mais né, e o que eu sei foi o mundo que me ensino.

Nas palavras de Lara, a infância foi interrompida de maneira contundente:

Lara: tinha uns 11... 12 anos... minha mãe me trouxe com meus irmãos para Maringá para morar com ela... fui trabalhar de doméstica... empregada doméstica perto de casa... minha mãe cuidava das minhas irmãs mais novas... ah era até sábado né... só tinha o domingo... aí ajudava em casa né.

A relação com os adultos é variável e, na maioria dos casos, demonstra distanciamento, motivado pelo árduo trabalho para manter a vida e pela distância ainda vigente nas relações sociais, na tradição rural. Com os pais, essa relação é mantida não pela falta de afeto, embora não se perceba muita ênfase na afetividade entre pais e filhos.

Os depoimentos indicam essas características, normalmente justificando o distanciamento ou a falta de interação nas atividades de criança. A relação com o trabalho, por outro lado, apresenta avaliações claras da relação com os pais. Com exceção dos dois casos relatados, os afazeres da casa ou do sítio não foram definidos como penosos ou como fatores de uma negação da infância. Para as meninas e os meninos, cuidar da casa ou ajudar em

---

<sup>14</sup>É importante notar que a explicação da pesquisa, dos objetivos e da apresentação das perguntas tende a influenciar o trabalho da memória, induzindo o depoente a formar um pensamento relacionado com as preocupações do entrevistador. Muitas vezes a intenção é querer agradar, quase como querendo ser aprovado. Comentários como “era isso”, “não sei se ajudei”, “não sei se serve”, confirmam não considerar que a infância seja uma preocupação constante, mas que foi ativada nesse momento.

determinados serviços eram atividades que faziam parte do cotidiano, juntamente com os estudos e, principalmente, com as brincadeiras.

Os historiadores da infância há muito tempo concluíram que não se deve falar em infância, mas em infâncias, ainda que em um mesmo período, em uma mesma localidade. A relação adulto/criança, apesar de possuir traços que podem ser agrupados, ainda assim apresenta especificidades. As características de um grupo podem ser vistas de forma diferente por outros grupos (AREND; MOURA; SOSENKI, 2018). E, quando se faz a análise de uma comunidade, de um bairro, de uma cidade, inevitavelmente haverá o contato com essa pluralidade e, portanto, com essas diferenças. Como afirma Stearns:

Todas as sociedades ao longo da história, e a maior parte das famílias, lidaram amplamente com a infância e a criança. Muitas características são padronizadas, independente de tempo e lugar. Sempre e em toda parte, as crianças precisam receber alguma preparação para o estágio adulto. Necessitam aprender a lidar com determinadas emoções, como raiva ou medo, de forma socialmente aceitável. Sempre e em toda parte, em vista do longo período de fragilidade na infância da espécie humana, crianças pequenas requerem que se lhes providenciem alimentação e cuidados físicos (STEARNS, 2006, p. 12)

Essa maneira de agir dos entrevistados ressaltou uma questão: a intensa relação do depoente com o período de que fala, ou seja, os relatos são de pessoas adultas, que conhecem a cidade, inclusive nos anos seguintes ao período tratado. Porém a fala demonstrava uma relação direta com o momento relatado. A própria fala, não desconsiderando a condição de liberdade que se tentou proporcionar aos depoentes durante a entrevista, possui características do período.

A urbanização da cidade não é percebida como um processo pelos depoentes, as referências à ação do governo são praticamente inexistentes. E, o mais sintomático, não percebem e não expressam qualquer lembrança de uma ação governamental que tenha como beneficiárias as crianças. O PDD orientando os planos municipais deixava clara a importância da participação da comunidade como um todo no desenvolvimento urbanístico de Maringá, principalmente para superar a característica rural da cidade. Procurava-se, assim, superar as ações individuais, imediatistas e paliativas, para que se desenvolvesse na cidade uma cultura de ações profundas, de longo prazo e vislumbrando a característica de centro regional como é hoje: cidade sede da região metropolitana de Maringá.

A criança, nas décadas analisadas, não era considerada um elemento participante. As ações deveriam ser pensadas e aplicadas para seu bem-estar, contudo sua

inclusão no processo, mesmo como observadoras, não fazia parte da cultura da época. A História das infâncias é muito importante para podermos entender nossas crianças e construir uma sociedade que entenda a Prioridade Absoluta. Que possamos pensar, conversar com as crianças para que elas cresçam participantes, respeitadas, educadas na construção de uma sociedade cidadã.

## Referências.

- ARAUJO, Marivânia Conceição de. **O bairro Santa Felicidade por ele mesmo. Espaço urbano e formas de representações sociais em Maringá, Paraná.** São Paulo, UNESP, 2005. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.
- AREND, S. M. F.; MOURA, E. B. B. de; SOSENKI, S. Infâncias e juventudes no século XX: histórias latino-americanas. Ponta Grossa: Todapalavra, 2018.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família.** Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 2ª. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1987.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In FREITAS, Marcos C. **Historiografia brasileira em perspectiva.** São Paulo: Contexto/Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 1998. p. 237-258.
- BRESSIANINI, Valéria Aparecida. **A infância no povoado da Água Jacutinga: um breve estudo sobre a convivência de crianças da área rural de Ivatuba, Noroeste do Paraná (1960-1980).** Maringá, UEM, 2006. Monografia (Especialização) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.
- CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafecultura paranaense 1900-1970: estudo de conjuntura.** Curitiba: Grafipar, 1981.
- CANIATO, Ângela M. A. P. **A Luta pela moradia de ex-favelados como parte essencial do processo de formação da consciência social.** São Paulo, PUC, 1986. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica -São Paulo, 1986.
- DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O processo de urbanização no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2004.
- DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R.. **Maringá e o norte do Paraná: estudos de história regional.** Maringá: EDUEM, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- KORCZAK, Janus. **Quando eu voltar a ser criança.** 11. ed. São Paulo: Summus, 1981.
- LUZ, France. **O fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá.** Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.
- MORELLI, Ailton José. **Memórias de infância em Maringá: transformações urbanas e permanências rurais (1970/1990).** Tese (Doutorado) São Paulo: USP, 2010.

RODRIGUES, Ana Lúcia. **A pobreza mora ao lado:** segregação socioespacial na região metropolitana de Maringá. São Paulo, PUC, 2004. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.  
STEARNS, Peter N. **A infância.** São Paulo: Contexto, 2006.

*Enviado: 08 de janeiro de 2023*

*Aprovado: 15 de agosto de 2023*